



Ensino & Pesquisa

Ensino & Pesquisa magazine is an interdisciplinary journal of the State University of Paraná (UNESPAR), Center for Humanities and Education. Its objective is to publish scientific articles focused on undergraduate and teacher education. Quadrennial Classification 2013-2016 - Teaching B1. (Preprints Policy-AUTHOREA Platform) ISSN: 2359-4381

<https://doi.org/10.33871/23594381.2021.19.2.113-129>

“Nenhum professor, em nenhuma matéria, nunca falou sobre educação sexual...”: gênero, sexualidade e educação na Residência Docente

Gustavo Macêdo do Carmo, Bolsista residente pelo Programa de Residência Docente da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e mestrando pelo programa de Pós-Graduação em Biodiversidade e Conservação da Natureza da UFJF. Licenciado e bacharel em Ciências Biológicas pela UFJF e Técnico em Informática Industrial e Automação pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET - MG), Campus Leopoldina, gugaatwts@hotmail.com

Fernanda Bassoli, Professora de Ciências do Colégio de Aplicação João XXIII da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e chefe do Departamento de Ciências Naturais. Mestre em Ecologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e doutora em Química, pela UFJF, fernanda.bassoli@ufjf.edu.br

Felipe Bastos, Professor de Ciências e Biologia do Colégio de Aplicação João XXIII da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Licenciado e Bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e doutor em Educação pela PUC-Rio, com período sanduíche na University of British Columbia, felipe.bastos@ufjf.edu.br

Anderson Ferrari, Professor da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UFJF e coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidade, Educação e Diversidade (GESED). Doutor em Educação pela UNICAMP e Pós-doutor em educação e Cultura visual pela Universidade de Barcelona, aferrari13@globo.com

Resumo: No presente artigo, discutimos o contexto de produção e as implicações de uma sequência didática (SD) sobre gênero e sexualidade, desenvolvida no âmbito de um programa de formação continuada de professores, o Programa de Residência Docente (PRD), com estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental na disciplina de Ciências. A SD foi elaborada de forma colaborativa entre os autores deste trabalho e aplicada pela professora orientadora e professor residente, por meio da co-docência, que se constituiu como espaço/momento privilegiado de transformação das/dos estudantes e docentes. A SD inovou, ao possibilitar discussões sobre sexualidade através de uma interface entre os conhecimentos sociais e biológicos que perpassam o tema, fundamental para a formação das/dos estudantes e professoras/es, mas até então silenciado no contexto em questão, como expresso pela frase da aluna que intitula o texto. A partir do diálogo com autores da área de educação para sexualidade e da exploração dos conceitos de problematização e resistência, com base em Foucault, desenvolvemos o argumento central de que o trabalho com as relações de gênero

e sexualidade nas escolas passa pelo investimento na formação, tanto de professoras/es, quanto de estudantes, de modo que o PRD assume grande importância nesse processo, materializando o papel da universidade e da escola – que, no caso da pesquisa, trata-se de um colégio de aplicação – como espaços indissociáveis de pesquisa, ensino e transformação de estudantes e docentes.

Palavras-chave: Gênero e sexualidade. Ensino de Ciências. Educação para a sexualidade. Formação de professores. Residência Docente.

“No teacher in any subject has ever talked about sexual education...”: gender, sexuality, and education in Teaching Residence

Abstract: In this article, we discuss the context of production and the implications of a didactic sequence (DS) about gender and sexuality, developed within the scope of the training continued program, the Teaching Residence Program (TRP), with 8th-grade students of an elementary school in Science subject. The DS was developed collaboratively between the authors of this work and applied by the guiding and resident teacher through co-teaching, which constituted students' and teachers' privileged space and moment of transformation. The DS innovated by empowering discussions on sexuality through an interface between social and biological knowledge, necessary for students' and teachers' development, but until then silenced in the context in question, as expressed by the student's sentence that entitles this text. As of the dialogue with authors in the area of sexuality education and the study of problematization and resistance concepts, based on Foucault, we developed the central argument that operating with gender relations and sexuality in schools involves investing in training, for both teachers and students, so that the TRP assumes excellent significance in this process, reifying the role of the university and the school – which is a laboratory school in this research – as integrated research, teaching, and student's and teachers' transformation spaces.

Key-Words: Gender and sexuality. Science education. Sexuality education. Teachers education. Teaching Residence.

Submissão: 2021-06-20. **Aprovação:** 2021-06-25. **Publicação:** 2021-08-31

Introdução

A frase que dá título ao nosso artigo - “nenhum professor, em nenhuma matéria, nunca falou sobre educação sexual” - foi pronunciada por uma menina de 14 anos, aluna do 8º ano do Ensino Fundamental. Não se trata de uma afirmação qualquer, mas de uma conclusão, carregada de certa surpresa e constatação de uma lacuna no processo de ensino aprendizagem. A frase foi construída no contexto de uma aula síncrona¹ organizada por uma professora e um professor participantes do Programa de Residência Docente da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), projeto que ocorre desde 2018, estando na

¹ Utilizamos a expressão *aula síncrona* para nos referirmos aos espaços virtuais pedagógicos que acontecem no âmbito das novas estratégias de ensino e aprendizagem em função da pandemia de COVID-19. Nesse sentido, aulas síncronas acontecem quando professoras/es e estudantes estão ambos no mesmo espaço virtual ao mesmo tempo, em diálogo simultâneo; ao passo que, em oposição, aulas assíncronas acontecem sem a necessidade desses dois sujeitos estarem concomitantemente *on-line*.

segunda turma. Enquanto programa de formação continuada, visa aprimorar a formação de professoras/es da Educação Básica, através do desenvolvimento de competências docentes no interior das escolas, na tentativa de complementar a educação recebida na Instituição de Ensino Superior (IES) de origem (RODRIGUES; DIAS; AMORIM, 2021).

São as condições que desencadeiam a emergência dessa frase e suas problematizações que nos levaram a trazê-la para o título deste artigo. A primeira problematização é exatamente o contexto no qual ela veio à tona, ou seja, um ambiente de formação em um duplo sentido, no qual um professor, recém-formado em Ciências Biológicas, volta à Universidade, através do Programa de Residência Docente (PRD), que aposta na potencialidade da escola e na co-docência como espaço/momento privilegiado de transformação dos sujeitos e de constituição das/dos docentes.

A segunda problematização sobre a qual somos convidadas/os a refletir é de que a frase da aluna só foi possível a partir de uma sequência didática preparada em co-docência entre uma professora orientadora/regente e um professor residente, ambos convocados a repensar os sentidos de escola, de formação, de currículo e de saberes ligados à constituição dos sujeitos. Essa conjunção foi capaz de dar condições à/ao docente de elaborar aulas cuja proposta era discutir as relações de gênero e sexualidade.

O trabalho pedagógico supracitado, portanto, marca uma ruptura, de tal forma que somente a partir dele é possível que a aluna constate que “nunca, nenhum professor” havia falado em educação sexual até aquele momento. A frase, portanto, adquire um outro sentido para além do aspecto negativo que inicialmente ela revela. A sequência inova, faz a aluna questionar a realidade, introduzindo uma outra relação entre currículo, conteúdo, sujeitos e realidade. Dessa forma, apesar do “nunca” e “nenhum” marcarem a fala, a frase demonstra a positividade de aulas que trazem novidade, que instauram a curiosidade e despertam o interesse. Esse é o segundo sentido da formação que queremos trazer para o diálogo com o primeiro, ou seja, a formação das/os estudantes na medida em que são provocadas/os a colocar sob suspeita suas formas de pensar e agir durante uma aula.

Nesse sentido, nosso argumento central é de que o trabalho com as relações de gênero e sexualidade nas escolas passa pelo investimento na formação, tanto de professoras/es, quanto de estudantes. Para defender esse argumento, elegemos a SD em gênero e sexualidade construída durante a formação continuada empreendida por meio do PRD como foco de análise deste artigo. Assim, nos perguntamos: que desafios e

potencialidades estão presentes numa formação continuada e como isso abre possibilidades para o trabalho com as relações de gênero e sexualidade na escola?

Parece razoável mencionar que as discussões acerca da valorização das diferenças de gênero e sexualidade na escola são historicamente marcadas pelo silenciamento (BASTOS; PINHO; PULCINO, 2015). Considerando que o gênero é um organizador social, como ressalta Joan Scott (2019), podemos ponderar que o afastamento dessas discussões na escola não significa que elas não se apresentam entre estudantes e na organização do próprio espaço escolar com suas estruturas disciplinares, currículos, relação professoras/es, alunas/os, normas, arquitetura, etc. A ausência se refere, portanto, a um trabalho de problematização e enfrentamento que considerasse as relações de gênero e sexualidade como uma ferramenta útil para análise das questões sociais que constroem e perpetuam as hierarquias entre os gêneros e as desigualdades que são definidoras das experiências dos sujeitos.

Com isso, queremos nos filiar à perspectiva feminista de gênero que o considera como resultado de construção discursiva acerca das diferenças entre homens e mulheres, de tal modo que são atravessados por relações de saber-poder (BUTLER, 2019; SCOTT, 2019). Entendemos que isso não significa negar o aspecto biológico nas constituições de gênero, mas, ao contrário, trabalhar com essa perspectiva de gênero nos faz levar em consideração os discursos que dão origem ao biológico e ao corpo como marcas dos sujeitos e suas consequências no que diz respeito aos pertencimentos de gênero e sexualidade. Trata-se de um trabalho que implica que a escola, os currículos e as/os professoras/es a fiquem atentas/os ao que estão produzindo como relações de gênero nas suas aulas.

Em tempos de avanço do conservadorismo e de vigilância sobre as escolhas curriculares, as seleções dos artefatos e suportes didáticos e o ofício das/dos docentes, organizados por movimentos de ultradireita, como o “Escola sem Partido”² (ARAÚJO; FERREIRA; SILVA, 2020; BORBA; ANDRADE; SELLES, 2019), o trabalho com a temática gênero e sexualidade faz-se ainda mais difícil e desafiador. A discussão dessas temáticas se tornou especialmente tensa no contexto da pandemia de COVID-19 e do

² O “Escola sem Partido” é um programa ou mesmo um movimento político construído em torno de uma agenda conservadora para a educação brasileira. Surgido em 2004, tal programa se constituiu como uma associação em 2015. Criada e dirigida por Miguel Nagib, o Escola sem Partido vem vigiando, atacando e buscando controlar o trabalho das/os docentes, com especial atenção às questões de gênero e sexualidade.

Ensino Remoto Emergencial³ (ERE), quando o colégio e suas salas de aula foram transferidos para dentro das casas das/dos estudantes. A partir do entendimento de escola enquanto espaço de conflito e de negociação, mas também de acolhimento, de problematização e de transformação, temos investido na resistência como um modo de trabalho pedagógico desenvolvido em torno da criação de um espaço seguro, multicultural e antidiscriminatório.

Resistência e problematização são dois conceitos do arcabouço conceitual de Michel Foucault (1988, 2006) que nos convidam a pensar a escola como espaço atravessado por relações de poder e de saber. Diante da reação dos movimentos conservadores, temos sido convocados a construir resistências criativas, tão inventivas quanto o poder, como nos ensinou Foucault (1988) para quem esses dois conceitos constituem uma aposta no sujeito como força transformadora. Problematizar, para Foucault (2006), diz da história do pensamento, de tal forma que ele nos convoca a colocar sob suspeita nossas formas de pensar e agir. Problematização é a liberdade do pensamento, algo possível na medida em que transformamos em problema aquilo que comumente não é tido como tal. Gênero e sexualidade nos organizam, representando enquadramentos que nos constituem. Inspirando-nos em Foucault, nosso propósito é problematizar a maneira como olhamos para o mundo e para os sujeitos a partir de certos enquadramentos de gênero e sexualidade (BUTLER, 2018).

Dessa forma, enquanto docentes inseridas/os em um constante movimento de reflexão e ressignificação das nossas práticas no ensino, temos buscado trazer, para nossas aulas, discussões sobre gênero e sexualidade, associando ciência e cultura (BASTOS, 2019), a partir da problematização dos estereótipos e preconceitos (BASSOLI; RESENDE; BASTOS, 2020). Nosso objetivo é promover um ensino que seja problematizador, significativo, crítico e voltado para a transformação social, na perspectiva de construção de uma sociedade justa, solidária e sustentável.

Foram com esses princípios que construímos, de forma colaborativa, uma sequência didática a respeito das relações de gênero e sexualidade para três turmas de 8º ano do Ensino Fundamental, sequência que será tomada como provocação para o desenvolvimento

³ O ERE foi aprovado depois de um processo de discussão que envolveu toda UFJF, sendo caracterizado por atividades educacionais ocorridas fora dos espaços formais de ensino, sem a presença física de professoras/es, alunas/os, sendo mediadas pelas tecnologias ou meios de comunicação, podendo ser de modo síncrono ou assíncrono, incluindo estratégias de atendimentos de demandas individuais ou coletivas das/os estudantes.

de análise deste artigo. Cabe reafirmar que o presente trabalho foi desenvolvido no escopo do PRD, que propiciou o processo investigativo e reflexivo a partir da colaboração entre a professora regente e o professor residente e demais autores deste trabalho. Dessa forma, o PRD materializa o papel da universidade e do colégio de aplicação a ela vinculado como espaços indissociáveis de pesquisa e ensino, bem como seu compromisso com a formação de professoras/es.

Para a organização da análise, o texto está dividido em dois momentos: um primeiro, em que nos dedicamos a descrever o contexto de produção da SD e seu processo de construção, para, num segundo momento, levantarmos as problematizações advindas das falas das/os estudantes surgidas a partir do contexto de formação de sala de aula.

A sequência didática sobre gênero e sexualidade e seu contexto de produção

Inicialmente, é importante esclarecer o espaço e as condições de ensino em que a SD foi pensada, para, em seguida, trazer os seus procedimentos didáticos. Como já mencionamos anteriormente, o trabalho pedagógico foi desenvolvido no âmbito de um Programa de Residência Docente, em um colégio de aplicação, vinculado a uma universidade pública federal na cidade de Juiz de Fora/MG, nos dois primeiros meses de 2021, numa situação de pandemia que impossibilitava aula presencial. O desafio, portanto, era desenvolver essa sequência de forma remota, através de aulas síncronas e assíncronas para uma escola e um grupo de estudantes que têm a diversidade social e cultural como uma de suas principais características.

O colégio atendia, naquele momento, a 1.165 estudantes distribuídas/os entre o 1º ano do Ensino Fundamental e o 3º ano do Ensino Médio, além do Ensino Médio na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA). O ingresso no colégio é feito exclusivamente por meio de sorteio público, que implica a grande diversidade socioeconômica e cultural que compõe o grupo de estudantes. Em função disso, o retorno às aulas de forma remota por meio do ERE só foi possível à medida que as condições de acesso e apoio digital foram garantidas às/aos estudantes por meio de auxílios financeiros, além do empréstimo de tablets, notebooks e de mobiliário, reiterando o compromisso da instituição em oferecer uma educação inclusiva e de qualidade (CARMO; BASSOLI, 2021). A instituição ampliou as estratégias utilizadas, adotando a plataforma MOODLE e a ferramenta Google Meet para a disponibilização de materiais e realização das aulas.

No Ensino Fundamental desse colégio, as práticas docentes desenvolvidas no ERE tiveram como pilares centrais a produção de materiais intitulados “Cadernos de Atividades”, que serviram de base para que as/os estudantes pudessem estudar de forma autônoma, bem como aulas síncronas semanais planejadas para ampliar as discussões dos Cadernos de Atividades, com enfoque nos temas que gerariam maiores dificuldades. No que se refere à disciplina de Ciências, a produção dos materiais e as discussões ocorreram a partir de dois eixos conceituais de forma integrada: biológico e social. De forma geral, esses materiais eram produzidos utilizando diversos recursos como charges, tirinhas, imagens, atividades autorais, bem como textos e exercícios do livro didático “Inspire Ciência 8” (BUENO; MACEDO, 2018), distribuído pelo Governo Federal.

As aulas síncronas foram desenvolvidas na forma de co-docência, entendida por nós como uma prática em que se tem a presença de mais de uma/um docente em sala de aula trabalhando, colaborativamente, de forma a compartilharem planejamentos, aulas e avaliações. Embora não seja uma prática habitual do colégio, ela foi possível a partir do PRD, de modo que o residente passou a acompanhar, dividir e compartilhar as aulas e outras atividades docentes com a professora regente da turma, que, ao aderir ao programa de formação continuada, tornou-se, também, sua professora orientadora. Tratando-se do contexto de ERE, a co-docência possibilitou que, enquanto uma/um professora/or fazia a mediação da aula a partir do material didático compartilhado na tela com as/os alunas/os, interagindo oralmente com elas/es, a/o outra/o docente fazia a mediação no campo de troca de mensagens - chat -, buscando integrar as/os estudantes nas discussões, de modo que esses papéis foram alternados ao longo das atividades.

As discussões sobre gênero e sexualidade foram introduzidas a partir do tema Alimentação & Saúde, em que exploramos os distúrbios alimentares e os estereótipos de beleza. A partir desse “gancho”, elaboramos um Caderno de Atividades específico para abordar gênero e sexualidade. O conjunto de discussões propostas para esse material englobava assuntos como as reproduções sexuada e assexuada, sexo, gênero, orientação sexual, imposição de padrões sociais heterocisnormativos, estereótipos, bullying, preconceito racial e contra dissidências de gênero e sexualidade.

Com base em Jesus (2012) e Bastos (2019), decidimos construir um glossário de A a Z, contendo 27 termos associados à sexualidade, tais como bissexualidades, homossexualidades, pedofilia etc. Trazíamos para alguns desses termos e classificações uma definição, enquanto mantivemos outros sem explicação, propondo que as/os alunas/os

elaborassem uma descrição ou conceito a partir de pesquisas no livro didático ou na internet. As palavras que compunham esse glossário contemplavam diferentes facetas da sexualidade, perpassando aspectos sociais, políticos, fisiológicos, anatômicos, psicológicos e comportamentais. Para além do trabalho com o glossário, também apostamos no debate das questões de gênero e sexualidade a partir de textos e imagens. De toda a proposta, o foco ficou concentrado na discussão sobre estereótipos, preconceitos e bullying, nos seus atravessamentos com gênero e sexualidade.

Como foco de análise e discussão neste artigo, analisaremos, na seção seguinte, um episódio ocorrido durante a aula síncrona em que discutimos o Caderno de Atividades sobre gênero e sexualidade e suas implicações para a formação das/os estudantes e do residente. Em especial, vamos nos concentrar numa fala específica, construindo as condições de emergência de sua expressão e sua potencialidade para problematizar seus efeitos num professor em formação.

As potencialidades das discussões de gênero e sexualidade para a formação docente e discente

A discussão sobre os estereótipos e os padrões de beleza, que contribuiu para iniciarmos nossa abordagem sobre gênero e sexualidade, é um dos elementos do Index para inclusão de Booth e Ainscow (2011) e foi realizada a partir da problematização, sobretudo, considerando os interesses mercadológicos capitalistas e o papel da publicidade e das redes sociais na contemporaneidade. Nessa abordagem, um dos elementos que gerou diversos debates durante os atendimentos síncronos foi o papel das redes sociais e aplicativos no cotidiano dos/das estudantes e da sociedade no geral, nos seus impactos na construção dos parâmetros de beleza e saúde. Com a ascensão de redes sociais, que são alimentadas pelo compartilhamento de fotos/vídeos com excesso de edições e filtros, as perspectivas associadas à beleza se distanciaram cada vez mais da realidade e a padronização tornou-se ainda mais acentuada, apesar de se constituir também como território de resistência à imposição de padrões.

A popularização dos bens de consumo ocorrida na primeira década dos anos 2000 possibilitou o acesso não somente a bens duráveis como geladeiras, televisões e computadores, mas também a serviços como telefonia móvel, internet e TVs por assinatura, por exemplo. Assim, dentre esses serviços e produtos, vem chamando nossa atenção o

crescente uso da internet entre brasileiras/os nos últimos anos. Como pesquisadores/as no campo da educação, problematizamos esses espaços de sociabilidade como educativos, uma vez que modificam nossa forma de ver, ser visto e, principalmente, nossa forma de agir, além de interferir, diretamente, no cotidiano escolar, nos processos de ensino-aprendizagem e nas relações entre professoras/es e alunas/os. (OLIVEIRA; FERRARI; MACHADO, 2019, p. 661).

O que a citação acima nos incita a pensar é que somos, de muitas maneiras, convocadas/os a estar e usar a internet para os mais diversos fins, de tal forma que ela modificou como pagamos as contas, como namoramos, como nos comunicamos e como aprendemos e ensinamos.

Trazer os impactos da internet também para discutir e colocar sob suspeita os parâmetros de beleza e seus efeitos nos sujeitos e pertencimento de gênero e sexualidade foi importante para nós, já que essas relações nos possibilitaram trazer as discussões sobre sexualidade associadas à sua trama política, histórica, social e econômica. Somado a isso, pontuamos ainda que a instituição escolar onde a prática ocorreu valoriza o ensino voltado para o acolhimento e o respeito à diversidade, inclusive referentes à diversidade sexual e de gênero.

Cumpramos registrar também que a sexualidade e o gênero compõem chaves de análise consolidadas há décadas em diversas áreas de pesquisa acadêmica. No campo da Educação brasileira, a prática educativa intencional acerca das sexualidades das crianças e dos jovens tornou-se objeto de ensino nas escolas a partir da segunda década do século XX (CÉSAR, 2010), tratada como “Educação Sexual”, expressão que atravessou o século e se diversificou em tantas outras, tais como “Educação em Sexualidade”, “Educação sexualizada” e “Orientação sexual” (XAVIER-FILHA, 2017). Em todo caso, o interesse de estudo dessas áreas gira em torno de como o gênero e a sexualidade incidem sobre o corpo e com ênfase em questões biológicas essencializadas e generalizantes, tais como a saúde sexual, as doenças sexualmente transmissíveis e a gravidez. Outra expressão que gostaríamos de destacar e da qual mais nos aproximamos é a “educação para a sexualidade”, entendendo que esta permite problematizar discursos únicos da sexualidade, convocando a produção de subjetividades na discussão sobre o corpo. Assim, em meio ao debate da proposta pedagógica, questionamos as/os estudantes sobre o que entendiam acerca de reprodução, sexo e sexualidade, já que nos pareceu importante distinguir essas palavras. Algumas/uns estudantes associaram a palavra sexo à reprodução e sexualidade à atração afetiva e/ou sexual.

A sexualidade é constitutiva dos sujeitos, ela marca suas experiências e seus pertencimentos (FOUCAULT, 1988) e isso não é diferente com as/os estudantes, que trazem definições construídas em outros espaços educativos. No entanto, ela tem uma história, ela diz do contexto histórico, de maneira que não é possível pensar em como nos relacionamos com nossos corpos, desejos, atrações, enquadramentos e experiências desconsiderando a história da sexualidade, como defende Foucault (1988). Com isso queremos dizer que, embora nossa proposta tenha um investimento nos saberes que carregamos e construímos através de nossos estudos, a sexualidade já é um conhecimento que está entre as/os estudantes, antes mesmo da nossa intervenção. Esses saberes, práticas, normas, valores constituem o dispositivo da sexualidade e estão em disputa (FOUCAULT, 1988).

Para iniciar a SD sobre gênero e sexualidade durante a aula síncrona, o professor residente e a professora orientadora decidiram investigar os conhecimentos prévios das/os estudantes daquela turma, questionando a sua percepção sobre as diferenças entre sexualidade, reprodução, ato sexual e “sexo biológico”. As definições imediatas trazidas pelas/os estudantes se apresentavam em consonância com um padrão identitário cisnormativo binário dominante. O professor residente e a professora orientadora aproveitaram o momento para revisitar suas vivências na graduação e na Educação Básica, contando às/aos estudantes que, durante esses processos formativos, constantemente, depararam-se com a visão de que o sexo se caracteriza como uma dicotomia entre macho e fêmea. A partir daí, surgiu um debate acerca da problemática histórica associada à discriminação das/os intersexuais que eram tidas/os como portadoras/es de síndromes ou doenças (BASTOS, 2019) e a importância de reconhecê-las/os como uma parcela de nossa sociedade que possui variações naturais, típicas de um meio diverso e plural. Trata-se de um debate atual e aberto, através do qual a turma expôs suas frustrações quanto à exclusão estrutural dos indivíduos intersexuais, discurso constantemente reforçado no ensino de Biologia.

A discussão sobre o tema permaneceu candente através do posicionamento das/os estudantes, marcando essa aula e encantando o professor residente, fortalecendo seu lugar de professor, que parte dos saberes das/os estudantes e que compreende o conhecimento como resultado de disputa, de troca e de constituição dos sujeitos nos seus processos educativos. Durante as discussões, as/os professoras/es buscaram conceituar o ato sexual, a reprodução e o sexo através do discurso biológico. No entanto, ao definir a sexualidade

como um todo, ambos buscaram quebrar paradigmas na turma ressaltando a importância de analisar esse campo de estudo não só através dos aspectos biológicos, como também culturais, psicológicos, políticos e sociais. Contrapondo todas as lacunas reconhecidas em sua formação inicial, o professor residente e a professora orientadora construíram essa discussão através de estudos colaborativos entre ambos, seguindo os preceitos teóricos de uma educação mais inclusiva, obtidos por meio de algumas disciplinas do PRD. O diálogo e a reflexão também foram desenvolvidos em parceria com dois pesquisadores das áreas de gênero e sexualidade, sendo um deles professor na instituição de ensino em questão e outro coordenador do PRD, os quais também se constituem como autores deste artigo. O encontro com o que as/os alunas/os traziam de definições chamou atenção do professor residente, que, a partir das falas, da participação e dos conceitos, foi se empolgando e foi constituindo uma experiência de troca partindo dos conhecimentos prévios e refletindo sobre aquilo que constitui o saber da/o professora/or. Dentre esses saberes docentes, é possível destacar aqueles que são provenientes de sua própria história de vida pessoal e escolar (TARDIF; RAYMOND, 2000). Nesse sentido, experiências pré-profissionais, concebidas no processo de escolarização e no convívio familiar e social, são significativas e contribuem de modo expressivo para a concepção de ensino e do papel da/o professora/or enquanto agente transformadora/or em sala de aula. Através do processo formativo do PRD, aquele professor pôde entender, sob o olhar da profissionalização, como ressignificar as violações que sofrera na escola, utilizando-as como elementos direcionadores de suas ações e objetivos pedagógicos.

É evidente que esse processo de formação continuada transformou a percepção daquele professor, permitindo que ele construísse uma abordagem que modificou a visão das/os estudantes. Tanto o professor residente quanto as/os discentes saíram transformadas/os por aquela sequência. Segundo Foucault (2002, p. 43), “é preciso reconhecer grandes planos no que poderíamos denominar a apropriação social dos discursos”. Reconhecendo a educação como “o instrumento graças ao qual todo indivíduo, em uma sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso” (FOUCAULT, 2002, p. 43-44), Foucault reafirma a importância desse processo educativo de troca como “uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo”. (FOUCAULT, 2002, p. 43-44). Esse foi o grande ganho da aula, a (trans)formação do professor e das/os alunas/os

e conjuntamente. O fazer-se professor diz desse processo de agir sobre as/os discentes. Agir sobre elas/es é uma forma de agir sobre si mesmo na sua constituição como professor.

Com isso, a discussão caminhou no questionamento sobre como pensamos o que pensamos no que diz respeito às relações de gênero e sexualidade e como agimos da forma que agimos com os sujeitos e conosco mesmas/os. Tais problematizações conduziram ao principal objetivo da aula, que era reconhecer que existe uma diversidade para além dos padrões heterossexuais e cisgêneros. Trata-se de uma aula que foi planejada e desenvolvida, dentre outros aspectos, na medida em que o professor residente revisitou sua história como estudante de uma escola confessional e suas marcas nos seus pertencimentos de gênero e sexualidade, aspectos que suscitaram debates, memórias, narrativas de si e da escola. Mais do que isso, eles despertaram a curiosidade e participação das/os estudantes como não havíamos presenciado ainda em outras aulas.

O aluno-professor-residente estava presente conjuntamente na aula, como sujeito de experiência. (FOUCAULT, 2006). Ele almejava construir, juntamente com sua orientadora, uma aula que não tivera quando estava na idade dessas/es estudantes e que talvez tivesse feito a diferença nos processos de violência que sofreu na escola. A memória, assim como nossas histórias e experiências, nos convida e nos fornece a possibilidade de conversarmos conosco mesmas/os e com os outros, sendo importante numa aula cujo objetivo é tirar os sujeitos do lugar. Isso é parte de se fazer professor, um fazer que busca responder a duas questões: quem eu penso que minha aluna e meu aluno são? Quem eu quero que ela e ele sejam? Dada a riqueza das falas nessa aula síncrona, selecionamos aquela mais representativa para focar na problematização e nos impactos do PRD na formação do professor residente.

Assim como o professor residente, algumas alunas também acionaram suas memórias em relação à discussão de gênero e sexualidade no espaço escolar. Lembraram de um caso ocorrido no interior da escola, quando receberam a visita de uma drag queen que passou o recreio com as turmas do primeiro ciclo do Ensino Fundamental em uma experiência repleta de brincadeiras e entrevistas com as crianças. A visita foi amplamente divulgada e alcançou grande repercussão entre as entidades políticas conservadoras que também contribuíram para que o material fosse divulgado de modo negativo em nível nacional e a situação acabou gerando grande desgaste não só para a instituição, como também para o artista em questão (CASTRO; FERRARI, 2019). Ao citarem esse caso, as alunas demonstraram grande frustração diante desse processo de discriminação. Quando

finalizamos nossas discussões no primeiro encontro, uma estudante, que chamaremos aqui de Ana, ligou seu microfone e se expressou da seguinte forma:

Eu tô muito chocada porque estamos no 8º ano, entrando no 9º e, nestes 8 anos, nenhum professor, em nenhuma matéria, nunca falou sobre educação sexual ou sobre a comunidade LGBT, nenhuma que eu me lembre.

Ana fala na primeira pessoa do plural, em nome do coletivo da turma, afirmando uma defasagem. Mas, mais do que isso, ela traz um sentimento para iniciar seu posicionamento: “eu tô muito chocada”. Estar chocada demonstra a sua surpresa, que só foi possível a partir da aula, não somente do conteúdo em si, mas sobretudo da troca, da curiosidade que moveu a turma, da espontaneidade e liberdade para falarem das questões provocadas pelo conteúdo. Ela também fala de uma temporalidade, ou seja, a surpresa também diz do fato de estarem no 8º ano e, até esse momento, não terem tido aula de “educação sexual”, como ela consegue nomear. Ao dizer desses aspectos, ela se coloca numa atualidade, aquela que persegue as discussões de gênero e sexualidade na escola.

É importante destacar que a proposta dessa aula também causou um certo temor na coordenação que chegou a sugerir um cuidado com o que os pais iriam dizer, demonstrando o momento atual de vigilância e controle das famílias sobre o que a escola compreende como importante para ser considerado conteúdo a ser ensinado. Entretanto, essa perseguição que estamos vivenciando num processo de repressão ao tema nas escolas está atualizando a refutação da hipótese repressiva apontada por Foucault (1988) na história da sexualidade. Ao se propor a pesquisar e escrever a história da sexualidade no ocidente moderno, Michel Foucault refutou a hipótese repressiva, ou seja, ele demonstrou que, ao invés da repressão à sexualidade, nós tivemos uma verdadeira proliferação discursiva em torno do sexo. Isso parece se renovar como resposta aos ataques das forças conservadoras na atualidade, que, longe de serem capazes de evitar que falemos de gênero e sexualidade nas escolas, está sendo responsável por uma produção discursiva constante. Nesse jogo, entre a proibição de se falar e a proliferação dos discursos, o que está no centro dessa disputa são as relações de poder, um poder que não é apenas repressor, mas sim produtor de discursos. (FOUCAULT, 1988). Ana consegue perceber a importância dessas discussões para os sujeitos e se diz “muito chocada” por “nenhum professor, em nenhuma matéria, nunca ter falado de educação sexual”.

Sua fala deu oportunidade de pensarmos as condições dessa ausência, os fatores que impedem que esses conteúdos associados à diversidade sexual alcancem a sala de aula. Dentre eles, é possível destacar, como elemento central, a ausência de discussões sobre essa temática na formação inicial de professoras/es, que acabam buscando outras formas de ampliação desse conhecimento em virtude de interesses pessoais, como a sensibilidade associada às demandas que as/os alunas/os trazem e a própria empatia desencadeada pela convivência com a diversidade sexual em algum momento da vida (BASTOS; ANDRADE, 2016).

O episódio supracitado envolvendo a drag queen revela também como a resistência por parte de frentes conservadoras que integram a comunidade escolar pode dificultar essas abordagens, gerando situações de constrangimento e opressão para as/os docentes. Enfrentar essas forças que tentam impedir a discussão e o fato de realizar a aula planejada, rompendo com essas tensões, foram importantes para a formação do professor residente. Importante ressaltar que isso só foi possível pelo apoio da professora regente, da ação de planejar e conduzir a aula juntos, um dando força e apoiando o outro. A realização dessa aula foi um processo formativo tanto para o professor residente e a professora orientadora quanto para as/os alunas/os. Inspiradas/os em Foucault, principalmente no que o autor classifica como “benefício do locutor” (FOUCAULT, 1988, p. 12), foi possível perceber a relação estabelecida entre o professor residente com o conteúdo, com a sala de aula e com as/os alunas/os. O “benefício do locutor” diz dessa relação entre sexualidade e poder, argumentando que, se a sexualidade está fadada “à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada” (FOUCAULT, 1988, p. 12).

Considerações Finais

Em um movimento de concluir, sem encerrar, contudo, as possibilidades de reflexão as quais o tema convida, retornamos à exclamação da estudante em meio a sua formação no Ensino Fundamental da Educação Básica, para recuperar as potencialidades da formação continuada a respeito de temas que consideramos não somente relevantes, mas urgentes em uma sociedade marcada pela homofobia, machismo e sexismo. Ao chamar atenção para um tema não antes discutido em sala, a estudante nos convida a pensar sobre o que cabe no currículo e o que dele se escapa, de modo que o espaço e

momento da Residência Docente relatados demonstram como a tônica de encontros plurais entre professor residente, professora orientadora e estudantes, além de outros docentes colaboradores, pode favorecer que visões de um mundo mais tolerante com a diferença – em especial, neste caso, de gênero e sexualidade – constituam pauta da educação escolar.

Referências

ARAÚJO, M. S.; FERREIRA, A. P. P.; SILVA, L. A. S. **“Ideologia de gênero” em uma turma de Licenciatura em Ciências Biológicas: é possível ter esperança?** Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio, v. 13, n. 2, p. 426-444, 2020.

BASSOLI, F.; RESENDE, A. C. C.; BASTOS, F. **Debatendo sobre adolescência e sexualidade na escola: desafios e resistência.** In: FALEIRO, W.; GONÇALVES, V. F.; VIGÁRIO, A. F. (Orgs.). Processos educativos em ciência da natureza na educação básica. Goiânia: Kelps, 2020, p.119-143. Disponível em: https://www.kelps.com.br/wp-content/uploads/2020/11/ebook_Processos-educativos-em-Ciencias-da-Natureza-na-Educacao-Basica-com-capa.pdf. Acesso em: 13 jun. 2021.

BASTOS, F.; ANDRADE, M. **Cabe discutir gênero e diversidade sexual no ensino de Biologia?** In: LIMA-TAVARES, D. et al. (Orgs.). Tecendo laços docentes entre Ciência e Culturas. Curitiba: Editora Prismas, 2016.

BASTOS, F. **“Eu fico meio sem saber como eu vou falar isso assim, do nada”:** Currículo, Diversidade Sexual e Ensino de Biologia. In: TEIXEIRA, P.P., OLIVEIRA, R.D.V.L.; QUEIROZ, G.R.P.C. (Orgs.). Conteúdos cordiais: biologia humanizada para uma escola sem mordação. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2019.

BASTOS, F.; PINHO, R.; PULCINO, R. **Diversidade sexual na escola: três perspectivas sobre silenciamentos de sujeitos e saberes.** In: ANDRADE, M. (Org.). Diferenças silenciadas: pesquisas em educação, preconceito e discriminações. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.

BOOTH, T.; AINSCOW, M. **Index para Inclusão: desenvolvendo a aprendizagem e a participação na escola.** Tradução: Mônica Pereira dos Santos, PH.D. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Laboratório de Pesquisa, Estudos e Apoio à Participação e à Diversidade em Educação (LaPEADE), 2011, 192 p. (título original: Index for inclusion: developing learning and participation in schools)

BORBA, R. C. N.; ANDRADE, M. C. P.; SELLES, S. E. **Ensino de Ciências e Biologia e o cenário de restauração conservadora no Brasil: inquietações e reflexões.** Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, v. 5 n. 2, 2019.

BUENO, R.; MACEDO, T. **Inspire Ciências.** São Paulo: Ed. FTD, 2018. vol 8.

- BUTLER, J. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- BUTLER, J. **Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”**. São Paulo: n-1 edições, 2019.
- CARMO, G. M.; BASSOLI, F. **Ensino de Ciências no contexto da pandemia de covid-19: percepção dos estudantes de 8º ano do ensino fundamental sobre o ensino remoto emergencial**. In: 8º Encontro Nacional de Ensino de Biologia, VIII., 2021, online
- CASTRO, R. P.; FERRARI, A. **“Nossa drag queen institucional”: o que pode um corpo drag na escola?** In: RIZZA, J. L. et al. (Orgs.). *Tecituras sobre corpos, gêneros e sexualidades no espaço escolar*, Rio Grande: Editora da FURG, 2019.
- CÉSAR, M. R. A. **Sexualidade e Gênero: ensaios educacionais contemporâneos**. Instrumento, v. 12, n. 2, 2010.
- RODRIGUES, A. C.; DIAS, J. M. T.; AMORIM, C. C. **A formação continuada em um programa de residência docente: a experiência da UFJF**. *Formação Docente*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 31-42, set./dez., 2020. Disponível em: <https://www.revformacaodocente.com.br/index.php/rbpf/article/view/435>. Acesso em: 19 mar. 2021.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- FOUCAULT, M. **Polêmica, Política e Problematizações**. In: *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- JESUS, J. G. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. 2. ed. Brasília, 2012. Disponível em: <http://www.diversidadessexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2021.
- OLIVEIRA, D. A.; FERRARI, A.; MACHADO, N. N. **“Ninguém solta a mão de ninguém”: conectados/as em rede, resistimos**. *Revista Práxis Educativa*, v. 14, n. 2, p. 659-677, 2019.
- SCOTT, J. **“Gênero: uma categoria útil de análise histórica”**. In: HOLLANDA, H. B. *Pensamento Feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 49-82.
- TARDIF, M.; RAYMOND, D. **Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério**. *Educação & Sociedade*, n. 74, p. 209-244, 2000.

XAVIER-FILHA, C. **Educação para a(s) sexualidade(s): carregar água na peneira?**
Diversidade e Educação, v. 5, n. 2, p. 16-39, 2017.